

ANTOLOGIA DE CONTOS
LITERATURA BR



Antologia de contos
LiteraturaBr

Organização:
Marco Severo & Nathan Matos



© Moinhos, 2016.

© LiteraturaBr, 2016.

Organização:

Marco Severo

Nathan Matos

Revisão:

Camila Araujo da Silva | LiteraturaBr Serviços Editoriais

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Serviços Editoriais

Ilustração de capa:

Gustave Doré, 1863.

Capa:

Lily Oliveira

1ª edição, Fortaleza, 2016.

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Organização Marco Severo & Nathan Matos

ISBN – 978-85-92579-01-2

CDD B869.3 | CDU 82-3

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção 2. Contos Brasileiros 3. Literatura Brasileira

I. Severo, Marco; Matos, Nathan. II. Título.

Belo Horizonte: Editora Moinhos 2016. | 68 p.; 21 cm.

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

editoramoinhos@gmail.com

IMPRESSÃO P3 DIGITAL

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

SUMÁRIO

Noiva, 11
Cúmplices, 19
Quase sem luz, 23
Fronteira, 27
Guarda-memórias, 35
A Verdade e a Vida, 41
Fora da faixa de pedestres, 45
Véspera, 47
A volta, 49
#PriceWorld, 57
Sobre os autores, 63
Sobre os organizadores, 67

Apresentação

Falar sobre literatura é algo que movimenta qualquer leitor ávido. Adentrar mundos, conhecer personagens que nunca imaginamos ser possíveis existir ou até mesmo ter a possibilidade de conversar com nossos escritor favorito é extremamente gratificante. E só a literatura pode possibilitar momentos assim. Foi mais ou menos com essa ideia que eu comecei a postar textos sobre livros na internet, ainda quando pouquíssimas pessoas sabiam o que era um blog.

Certa vez, num laboratório de informática, na frente da tela do computador, pensando no nome que daria vida ao meu blog, a única palavra que veio à mente, de antemão, foi *literatura*. Pensei que ela deveria ser o mote para um nome chamativo, forte, que pudesse logo ganhar corpo quando eu conseguisse divulgá-lo. Depois de alguns minutos, enquanto o professor dava aula, eu só conseguia pensar em como a literatura dos meus escritores favoritos me possibilitaram novas leituras, me fazendo construir pontes entre um livro e outro, entre a escrita de vários escritores, sendo,

portanto, como uma BR, que possibilita as viagens de milhões de pessoas de uma terra para outra. Foi daí que, sem querer passar dias pensando em um nome, decidi: LiteraturaBr.

E assim nasceu o que hoje é o portal. Antes, ele era apenas um repositório de textos que falavam, quase sempre positivamente, dos livros que eu lia, e os quais eu não tinha ninguém com quem conversar. Atualmente, depois de uma longa interrupção, o LiteraturaBr *renasceu* – há quatro anos – com a proposta de divulgar novos escritores, de dar voz a muitos autores pelo país que publicam por editoras independentes e que, muitas vezes, não possuem um espaço para compartilhar seus textos, seus livros, seus pensamentos. Ficamos mais críticos também.

Tal objetivo chamou a atenção e ainda vem chamando. Somos hoje um dos melhores portais de literatura do Brasil porque criamos conteúdo exclusivo sobre literatura. Isso é um diferencial para quem está no mundo dos blogueiros, dos sites literários. E também só é possível porque temos escritores, como o Marco Severo, que contribuiu diretamente para que essa antologia pudesse existir, e que acreditam na proposta do LiteraturaBr, que é compartilhar do que mais gostamos de fazer na vida.

Desta forma, sem deixar de lado o que sempre tivemos como ideal, de possibilitar a divulgação de novos *Quixotes*, é que pensamos nesta antologia de contos. É com a força dos novos escritores, que acreditam ser possível fazer uma literatura que possa contribuir para o pensar e, ao mesmo tempo, para o prazer, que foi possível esse livro chegar até vocês.

Boa leitura.

Nathan Matos
Criador do LiteraturaBr

*A palavra é o próprio homem.
Somos feitos de palavras.
Elas são a nossa única realidade ou,
pelo menos, o único testemunho da nossa realidade.*

Octavio Paz

Noiva

Fabiane Guimarães

Ela queria saber de que era feita a lua. Um pedaço de rocha daquele tamanho, flutuando no espaço, revirando oceanos. Você não tem curiosidade de entender como é que ela foi parar lá em cima? A verdade é que não, até aquele dia pelo menos. Catarina tinha cada ideia chiclete, era só cuspir que grudava. Pequenas intervenções secretas na cabeça da gente – começava sempre desse jeito, com essa pergunta, você não tem curiosidade... Pequena semente de um drama completo, lavagem cerebral auto-induzida, porque de repente eu olhava para cima, via a lua cheia de buracos, toda prateada, e pensava. Como é que foi parar lá.

Fui buscar a resposta nos calhamaços de capa dura que ditavam todo o conhecimento deste mundo e do outro: as enciclopédias vendidas a preço de ouro que todo pai sentia-se coagido a comprar quando o moço de terno barato surgia na porta, óculos escorregando no narigão suado, uma mala de rodinhas. Trinta

e nove exemplares, mais de mil páginas e comprando comigo ainda tem direito a um exclusivo manual ilustrado sobre os mamíferos da África. Em 3D. Sucesso total, os óculos vagabundo de plástico passando de mão em mão enquanto a molecada delirava na ilusão de abismos imediatos.

Na sessão de ciências, esquecido no meio das divagações de criação do universo – que o padre dizia que era besteira, porque quem tinha feito tudo era Deus – estava a teoria do choque. A lua era um pedaço descolado da terra. Simples assim. Há bilhões e bilhões de anos (este era eu, tentando ser o mais didático possível), quando isso aqui nem tinha água ainda, era feito uma bola de fogo, um planeta colidiu com a gente e pedaços de um continente inteirinho foram parar lá em cima. Foi juntando e virando uma bola de boliche. A lua era um meteoro ao contrário.

Eu não acredito nisso, foi o veredito dela, deixando-me com raiva, naturalmente. Catarina queria as respostas só para desprezá-las.

Eu nunca me importei muito com os comentários, ela tampouco. Sempre me seguia pelos cantos enquanto eu me encolhia no recreio fugindo de algum gorila em ascensão. Chegava de mansinho, tênis desamarrado – me dava a maior agonia do mundo pensar que a qualquer momento um cadarço solto daqueles se enroscava no pé que se enroscava no chão e ela cairia, ralaria os joelhos e sustentaria sem chorar o merthiolate ardido só para poder dizer que tinha coragem.

Um dia veio, roubou um naco do meu sanduíche de mortadela e soltou: estão dizendo que eu sou sua namorada.

O pedaço de pão ficou entalado na minha garganta e achei que morreria sufocado de vergonha. Ela riu, sacudindo o cabelo

desgrenhado (não penteava nunca, indignavam-se as professoras, essa menina não tem mãe) e completou: não se preocupe, eu sei que você gosta de meninos.

Isto foi antes, muito antes, de Jonas e Marcelo. Ou Gabriel. Ainda estávamos, por ora, na quarta série. Ainda era 1995. Eu não tinha a menor ideia das minhas considerações afetivas. Mas ela já sabia. Eu fico me perguntando: como é que ela soube a direção dos meus suspiros antes de mim mesmo?

Quando finalmente entendi a verdade irremediável da minha natureza, ali aos 18 anos, entendi que não havia lugar para mim. Não naquela cidade. Por isso fiz as malas e fui anunciar que estava indo embora, mas não encontrei a garota em lugar algum. Os pais dela, acostumados, não fizeram caso – deve tá embrenhada no meio do mato, como sempre, aquela criatura não tem juízo. Você bem que podia casar com ela, né, Julinho. Um menino tão bom.

De coração endurecido pela falta da despedida, coleei o olho na vidraça do ônibus que me levaria a Brasília, a cidade de mentira, atravessando o corredor com cheiro de batatas fritas murchas, certo de que Catarina apareceria na rodoviária para deixar alguns abraços no estoque. Mas fui encontrá-la do lado de dentro do veículo desmantelado, sorrindo do triunfo de ter enganado a todos. Ela tinha reservado um lugar no fundo para nós dois.

É claro que não estávamos prontos. Era uma ficha que caía em uma montanha de fichas derretidas toda vez que uma nova briga começava e Catarina desaparecia.

(Esse café tá horrível, tem gosto de meias sujas esquecidas debaixo da cama. Vou tomar um pingado na padaria, vê se lava essa louça, Catarina, pelo amor de deus. Você pagou a conta de

luz com o dinheiro que te dei? Não, né? Catarina, não podemos abrigar outro gato. O seu já fede o suficiente. Por que você não faz o vestibular, por que não estuda, por quê.)

Eu percebia, quando as coisas estavam normais, que um ligeiro incômodo sombreava o rosto dela. O rosto sardento, quadrado, torto – tinha tudo para dar errado e continuava bonito. Éramos crianças ainda e fazíamos as pazes tomando sorvete. Nossa quitinete desmantelada na Asa Norte quase não tinha móveis e por isso dividíamos um colchão de casal. Ela pululava de emprego em emprego, sempre de braços esquecidos sobre algum balcão, eu lutava para ingressar na faculdade de medicina, trabalhando meio turno de frentista no posto de um amigo do pai. O mundo tinha virado um névoa de obrigações.

Às vezes, cansados demais até para conversar, só tombávamos nos nossos lençóis encardidos. Em outras, quando eu chegava do meu turno fedendo a gasolina, Catarina já estava lá, enroscada em dois cobertores mesmo no calor visceral da seca. Preocupava-me – mas não o suficiente – com a languidez com a qual ela enroscava as pernas e mirava a parede.

Um dia abraçou minhas costas nuas, no sono irrequieto, e suspirou: eu descobri de que é feita a lua.

Vai dormir, Catarina, desejei.

Na noite seguinte, ela não voltou do trabalho no horário costumeiro. Nem depois. Não deixou rastro, bilhete, qualquer coisa que me tirasse o veneno da preocupação. Daquela vez, Catarina sumiu e não voltou nunca mais. Eu a odiei por isso e socava as paredes, debaixo do banho. Não era coisa que se fizesse.

Não sei quando foi que deixei de procurá-la. Ou de pensar, nos raros momentos de tempestade, se ela estava protegida, se sentia fome ou frio. Acho que a gente só se acostuma com a au-

sência. Os policiais não tinham notícia dela e nenhum cadáver foi encontrado. Eu sabia que não seria. Catarina não poderia ser achada nem se fosse morta. Na nossa cidade surgiam pequenos nacos de informação que provavelmente eram mentirosos. Os pais dela se mudaram de vez do interior e perdemos contato, me disseram que partiram no fusca verde, a nave que se afasta, se perde no espaço congelado. Mudamos de galáxia.

Eu me formei com todas as honras na Universidade de Brasília, meus pais até vieram para a colação de grau, e Catarina não estava lá. Aos trinta, venci o concurso da Secretaria de Saúde e virei cardiologista da rede pública. Aos 55, inaugurei minha própria clínica no Lago Sul, com um coquetel caro para pessoas esnobes – meu marido, Benjamim, organizou tudo. Foi ontem. Ainda sinto a força do enjoo pressionando meu abdômen e o espelho me diz que estou velho, acabado e feliz. Mais da metade de vida útil gasta.

Ontem.

Eu não devia fumar, mas fumo, escondido de Ben e da sociedade. Depois de três copos de uísque, senti que precisava de um cigarro, escorreguei para fora do prédio, da festa barulhenta, protegido por um arbusto.

Você por acaso sabe do que esse cigarro é feito, alguém perguntou.

Espantei-me com a voz, rouca, que saía do escuro. Sou um homem medroso. Apaguei a guimba com agilidade e deixei o arbusto. Catarina, claro. Demorei alguns segundos para perceber os seus olhos atentos, as sardas mais escuras, um rosto velho e acabado, mas não feliz. Tinha cortado o cabelo.

Meu deus, Catarina, por onde você andou?

Meio sorriso como resposta. Percebi que seus dentes estavam enegrecidos, percebi tudo.